

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
Programa de pós-graduação em Direito
Programa de Pós-Graduação em
Engenharia e Gestão do Conhecimento

Disciplina: EGC 9001-10 – 2008/1
Complexidade e Conhecimento na Sociedade em Redes

Professores: Aires José Rover, PhD
Tutora: Marisa Carvalho, Msc
Aluno: Emilio Brkanitch Filho

Resumo do Livro: Os Tempos Hipermodernos-Gilles Lipovetsky / Sébastien Charles

O individualismo paradoxal

Tempo contra tempo, ou a sociedade hipermoderna

Marcos de uma trajetória Intelectual

O Individualismo paradoxal: introdução ao pensamento de Gilles Lipovetsky (Sébastien Charles)

“No primeiro livro do autor, A era do vazio (1983), ele estabelecia os marcos daquilo que se imporia na França como “paradigma individualista”. Explorou múltiplas facetas do indivíduo contemporâneo: - o reino da moda, as metamorfoses da ética, a nova economia dos sexos, a explosão do luxo e as mutações da sociedade de consumo”.

“A segunda revolução moderna (ou hipermoderna), (...) se assiste (...) ao reinvestimento afetivo em certo número de sentimentos e valores tradicionais: o gosto pela sociabilidade, o voluntariado, a indignação moral, a valorização do amor.(...) O indivíduo hipermoderno, mais autônomo, é também mais frágil que nunca, na medida em que as obrigações e as exigências que o definem são mais vastas e mais pesadas”. (...) Pierre-Henri Tavoillot Universidade de Paris (Sorbonne)

“Tendo o passado e o futuro sido desacreditados, existe a tendência a pensar que o presente se tornou a referência essencial dos indivíduos nas democracias, pois esses últimos romperam definitivamente com as tradições que a modernidade varreu e se desviaram daqueles amanhãs que nem chegaram a enaltecer muito”. “Méritos das análises de Gilles Lipovetsky, é romper com “juízos excessivos”, sempre demasiado elementares porque olham apenas um aspecto das coisas, a fim de livrar-se de toda a complexidade do real e circunscrever as contradições do que está urdido. Neste aspecto, cada uma das obras de Lipovetsky é tanto uma crítica das concepções excessivamente simplistas que se propõem a respeito do real quanto um convite a pensar de maneira mais complexa os fenômenos deste nosso mundo”.

DA MODERNIDADE Á PÓS-MODERNIDADE: o abandono do universo disciplinar “...não significa nem que desapareceu todo o poder sobre os indivíduos, nem que se adentrou num mundo ideal, sem conflito e sem dominação. Os mecanismos de controle não sumiram; eles só se adaptaram, tornando-se menos reguladores, abandonando a imposição em favor da comunicação. Já não usam decreto legislativo para proibir as pessoas de fumar; fazem-nas, isto sim, tomar consciência dos efeitos desastrosos da nicotina para a saúde e a expectativa de vida”.

“...a pós modernidade se apresenta na forma do paradoxo e que nela coexistem intimamente duas lógicas, uma que valoriza a autonomia, outra que aumenta a independência”.

“Ante a desestruturação dos controles sociais, os indivíduos, em contexto pós-disciplinar, têm a opção de assumir responsabilidades ou não, de auto controlar-se ou deixar-se levar”.

“Lipovetsky propõe uma visão da pós-modernidade mais complexa e menos unívoca (...) para sublinhar os paradoxos essenciais e apontar a ação paralela e complementar do positivo ao negativo”.

DA PÓS-MODERNIDADE À HIPERMODERNIDADE: do gozo à angústia.

“A pós-modernidade representa o momento histórico preciso em que todos os freios institucionais que se opunham à emancipação individual se esboroam e desaparecem e desaparecem, dando lugar à manifestação dos desejos subjetivos, da realização individual, do amor-próprio”.

“...em que a análise do social se explica melhor pela sedução que por noções como a de alinação ou de disciplina. (...) modelos prescritos não existem mais, e sim condutas escolhidas”.

“Vários sinais fazem pensar que estamos na era do hiper, a qual se caracteriza pelo hiperconsumo, essa terceira fase da modernidade; pela hipermodernidade, que se segue à pós-modernidade, e pelo hipernarcisismo. a) hiper consumo b) Hipermodernidade (sociedade liberal, caracterizada pelo movimento, pela fluidez, pela flexibilidade. C) Hipernarcisismo (mais maduro, responsável, organizado, eficiente e flexível. Os indivíduos são mais informados e mais desestruturados, mais adultos e mais instáveis, menos ideológicos e mais tributários das modas, mais abertos e mais influenciáveis, mais críticos e mais superficiais, mais céticos e menos profundos”.

A PERDA DO SENTIDO E A COMPLEXIDADE DO PRESENTE

“A fé foi substituída pela paixão; a intransigência do discurso sistemático, pela frivolidade do sentido; o extremismo, pela descontração. (...) Assim morrem os deuses: não na desmoralização niilista do Ocidente, nem na angústia do vazio dos valores, mas nos solavancos do sentido”.

“...um movimento coletivo para arrancar a sociedade das normas culturais rígidas do passado e dar à luz uma sociedade mais flexível, mais diversa, mais individualista, conforme as exigências da moda consumada.”

“No reino da moda total, o espírito é menos firme, porém mais receptivo à crítica; menos estável, porém mais tolerante; menos seguro de si, porém mais aberto à diferença, à evidência, à argumentação do outro”.

“O “amor” - eis outro domínio que escapa à esfera do lucro, do ganho, assim como, de modo mais geral, todos os valores relacionais que, em grande parte, constituem a riqueza de nossa vida privada”.

“Nada mais falso, portanto, do que acreditar que o consumo reine sem restrições. Da mesma forma, nada mais falso do que pensar que ele, reduzindo os indivíduos ao papel de consumidores, favoreça uma homogeneização social”.

A ÉTICA ENTRE A RESPONSABILIDADE E A IRRESPONSABILIDADE

“... a necessidade ética não é mais vivida como no passado, segundo a lógica do dever sacrificial, e deve ser considerada na forma de uma moral indolor, opcional,

que funciona mais pela emoção que pela obrigação sanção e que está adaptada aos novos valores de autonomia individualista. Mas essa fase pós-moralista (...) não acarreta o desaparecimento de todos os valores éticos”.

“...a pós-moralidade, não é sinônimo de imoralidade. Três elementos possibilitam destacar bem a persistência dos ideais éticos em contexto individualista. Em primeiro lugar, o desaparecimento de uma moral incondicional não teve como conseqüência a difusão de comportamentos egoístas no conjunto social. Em segundo lugar, o relativismo de valores não contribuiu para o niilismo moral porque perdura um núcleo duro de valores democráticos, núcleo em torno do qual se afirma um consenso forte. E por fim, a perda dos referenciais tradicionais não resultou no caos social, dado que a liberação individual, especialmente no plano sexual, não produziu uma anarquia total dos costumes”.

OS PARADOXOS DO QUARTO PODER

“ Ao sacralizar o direito à autonomia individual, promover uma cultura relacional, celebrar o amor ao corpo, os prazeres e a felicidade privada, a mídia tem sido agente de dissolução da força das tradições e das antigas divisões estanques de classe, das morais rigoristas e das grandes ideologias políticas”.

“... ao possibilitar o acesso a uma informação cada vez mais diversificada e mais caracterizada por pontos de vista diferentes, propondo uma gama extremamente variada de escolhas, a mídia permitiu que se desse aos indivíduos maior autonomia de pensamento e de ação, com a oportunidade de constituir opinião própria sobre um número sempre maior de fenômenos.

“ Eis talvez o fato mais espantoso: emocional e individualista, a sociedade de consumo de massa permite que um espírito de responsabilidade, dotado de geometria variável, coabite com um espírito de irresponsabilidade incapaz de resistir tanto às solicitações exteriores quanto aos impulsos interiores. O fato é que a lógica binária de nossas sociedades seguirá ampliando-se e que a responsabilidade de cada um ganhará cada vez mais importância. Nenhuma outra sociedade jamais possibilitou que se exercessem uma autonomia e uma liberdade individual tão grandes, nem jamais o destino dessa sociedade esteve tão ligado aos comportamentos daqueles que a compõem”.

“ Será necessário valorizar a inteligência dos homens, mobilizar as instituições e preparar nossos filhos para os problemas do presente e do futuro. A tomada de responsabilidade deve ser coletiva e exercer-se em todos os domínios do poder e do saber. Mas também deve ser individual, pois em último recurso cabe a nós assumir essa autonomia que a modernidade nos legou”.

Tempo Contra Tempo, ou a Sociedade Hipermoderna

“ Delineiam-se duas tendências contraditórias. De um lado, os indivíduos, mais do que nunca, cuidam do corpo, são fanáticos por higiene e saúde, obedecem às

determinações médicas e sanitárias. De outro lado, proliferam as patologias individuais, o consumo anômico, a anarquia comportamental”.

Por meio de suas operações de normatizações técnica e desligação social, a era hipermoderna produz num só movimento a ordem e a desordem, a independência e a dependência subjetiva, a moderação e a imoderação”.

Na hipermodernidade, não há escolha, não há alternativa, senão evoluir, acelerar para não ser ultrapassado pela “evolução”: (...) Quanto menos o futuro é previsível, mais ele precisa ser mutável, flexível, reativo, permanentemente pronto a mudar (...). “Resta saber se, na realidade, isso não significa modernização cega, niilismo técnico-mercantil, processo que transforma a vida em algo sem propósito e sem sentido”.

“A modernidade da qual estamos saindo era negadora; a supermodernidade é integradora. Não mais a destruição do passado, e sim sua reintegração, sua reformulação no quadro das lógicas modernas do mercado, do consumo e da modernidade”.

“No cerne do novo arranjo do regime do tempo social, temos: (1) a passagem do capitalismo de produção para uma economia de consumo e de comunicação de massa; e (2) a substituição de uma sociedade rigorístico-disciplinar por uma “sociedade-moda” completamente reestruturada pelas técnicas do efêmero, da renovação e da sedução permanentes”.

Nasce toda uma cultura hedonista e psicologista que incita á satisfação imediata das necessidades, estimula a urgência dos prazeres, enaltece o florescimento pessoal, coloca no pedestal o paraíso do bem estar, do conforto e do lazer. Consumir sem esperar; viajar; divertir-se; não renunciar a nada: as políticas do futuro radiante foram sucedidas pelo consumo como promessa de um futuro eufórico”.

“Viveu-se certa despreocupação com o futuro- mas agora é na insegurança que, cada vez mais, vive-se o presente”.

“morrem as utopias coletivas, mas intensificam-se as atitudes pragmáticas de previsão e prevenção técnico-científicas. Se o eixo do presente é dominante, ele não é absoluto: a cultura de prevenção e a “ética do futuro” dão nova vida aos imperativos da posteridade menos ou mais distante”.

“Com a precarização do emprego e o desemprego persistente, crescem os sentimentos de vulnerabilidade, a insegurança profissional e material, o medo da desvalorização dos diplomas, as atividades subqualificadas, a degradação da vida social. Os mais jovens temem não achar lugar no universo do trabalho; os mais velhos perdem definitivamente o deles”.

“Ao mesmo tempo que a cultura liberacionista está fora de moda, manifestam-se numerosas formas de valorização do duradouro. Ainda que as uniões sejam mais frágeis e mais precárias, nossa época, apesar de tudo, testemunha a persistência da instituição do matrimônio, a revalorização da fidelidade, a vontade de contar com relações estáveis na vida amorosa”.

“A sociedade hipermoderna se apresenta como a sociedade em que o tempo é cada vez mais vivido como preocupação maior; a sociedade em que se exerce e se generaliza uma pressão temporal crescente”.

“A hipermodernidade não se confunde com um “processo sem sujeito”: ela segue de mãos dadas com a “tomada de palavra”, a auto-reflexividade, a crescente

conscientização dos indivíduos, esta paradoxalmente acentuada pela ação efêmera da mídia. De um lado, sofrem-se cada vez mais as limitações do tempo desabalado; de outro, avançam a independência individual, a subjetivação das orientações, a introspecção”.

“Quanto mais pressa se vai, menos tempo se tem. A modernidade se construiu em torno da crítica à exploração do tempo de trabalho; já a época hipermoderna é contemporânea da sensação de que o tempo se refaz”.

“De um lado, o indivíduo empreendedor, hiperativo, desfrutando a velocidade e a intensidade do tempo; de outro, o indivíduo “a revelia” pela ociosidade”.

“Na verdade, o que nutre a escala consumista é indubitavelmente tanto a angústia existencial quanto o prazer associado às mudanças, o desejo de intensificar e reintensificar o cotidiano. Talvez esteja aí o desejo fundamental do consumidor hipermoderno: renovar sua vivência do tempo, revivificá-la por meio das novidades que se oferecem como simulacros de aventura”.

“Na hipermodernidade, tudo se passa como se surgisse uma nova prioridade: ficar eternamente voltado à “juventude”. Nossa pulsão (...), um exorcismo do envelhecimento do viver subjetivo: o indivíduo desinstitucionalizado, volátil, hiperconsumista, é aquele que sonha assemelhar-se a um fênix emocional”.

“Coabitam duas tendências: a que acelera os ritmos tende à desencarnação dos prazeres; a outra, ao contrário, leve à estatização dos gozos, à felicidade dos sentidos, à busca da qualidade no agora”.

“(…), mas é a relação com outrem (filho, amor, amizade) o que constitui a qualidade de vida do maior número de pessoas”.

“Por toda a parte, os exageros hipermodernos são refreados pelas exigências da melhoria da qualidade de vida, pela valorização dos sentimentos e pela personalidade, a qual não se pode trocar; por toda parte, as lógicas do excesso deparam com contratendências e válvulas de segurança. Atormentada por normas antinômicas, a sociedade ultramoderna não é unidimensional: assemelha-se a um caos paradoxal, uma desordem organizadora”.

“A cultura hipermoderna se caracteriza pelo enfraquecimento do poder regulador das instituições coletivas e pela autonomização correlativa dos atores sociais em face das imposições de grupo, sejam da família, sejam da religião, sejam dos partidos políticos, sejam das culturas de classe. Assim, o indivíduo se mostra cada vez mais aberto e cambiante, fluido e socialmente independente. Mas essa volatilidade significa muito mais a desestabilização do eu do que a afirmação triunfante de um indivíduo que é senhor de si mesmo. Testemunho disso é a maré mantante de sintomas psicossomáticos, de distúrbios compulsivos, de depressões, de ansiedades, de tentativas de suicídio, para nem falar do crescente sentimento de insuficiência e autodepreciação. Vulnerabilidade psicológica que (ao contrário do que tanto se diz) se deve menos ao peso extenuante das normas de desempenho, à intensificação das pressões que se abatem sobre as pessoas, do que à ruptura dos antigos sistemas de defesa e enquadramento dos indivíduos”.

“... a época ultramoderna vê desenvolver-se o domínio técnico sobre o espaço-tempo, mas declinarem as forças interiores do indivíduo. Quanto menos as normas coletivas nos regem nos detalhes, mais o indivíduo se mostra

tendencialmente fraco e desestabilizado. (...) Quanto mais ele quer viver intensa e livremente, mais se acumulam os sinais do peso de viver”.

Marcos de uma Trajetória Intelectual – Entrevista de Gilles Lipovetsky a Sébastien Charles

“Sou um filósofo “extraviado”, dedicando-me à análise das realidades sociohistóricas. O objeto de estudo são fenômenos como: a moda, a cotidianidade, o luxo, o humor, a publicidade e consumo”.

“(...)a mudança social e histórica é, em grande parte, imprevisível. É essa a razão pela qual o confronto que realmente me interessa, que me provoca, que “mexe” comigo é o que surge do choque dos próprios fatos, da complexidade, diversidade e variabilidade deles. Mais amplamente, eu gosto de escrever sobre o que observo, e não de escrever livros a respeito de livros”.

“(...) De um lado, o individualismo faz reduzir-se a força das obrigações morais; de outro, contribui para dar-lhes nova prioridade. O respeito à pessoa humana podia parecer secundário quando comparado à revolução, à luta de classes, à nação ou ainda à raça(...). Sob o efeito do imaginário da igualdade e do culto ao bem-estar, os indivíduos ficam mais “tocados” pelo espetáculo dos sofrimentos do outro (...)”.

“Sociedade do Hiperconsumo: _ Consome-se muito mais para satisfazer o EU (saúde, repouso, boa forma, sensação, viagens) do que para ganhar o reconhecimento do outrem”.

“E o que é feito da filosofia nesse mundo hipermoderno? (...) Em primeiro lugar, lembrarei que a hipermodernidade não se reduz ao consumismo, ao entretenimento (...). Na realidade, ela não aboliu a vontade de superar-se, de criar, de inventar, de procurar, de desafiar as dificuldades da vida e do pensamento. Mesmo no turboconsumidor contemporâneo, a “vontade de poder” não pára de atuar. Por isso, a filosofia como disciplina da razão e da busca da verdade não está ameaçada”.

“(...) a filosofia não é o caminho suave para a felicidade.(...) Quem já meditou os grandes mestres não está mais bem equipado que ninguém para viver feliz, pois nenhum filósofo nos protege contra a experiência da tristeza, do desespero, da dor ou do medo.(...)a filosofia tem por tarefa proporcionar uma inteligibilidade do real, e nada mais; seu papel é trazer um pouco de luz, e não as chaves da felicidade, as quais obviamente ninguém possui”.

“(...) se ocorre uma epidemia de suicídios, não é porque a sociedade se tornou mais severa, e sim porque os indivíduos ficam entregues a si mesmo e, por isso, menos equipados para suportar as desventuras da existência . Hoje os indivíduos estão cada vez mais frágeis (...)”.

PERGUNTA:

“Quanto menos as normas coletivas nos regem nos detalhes, mais o indivíduo se mostra tendencialmente fraco e desestabilizado”. - O que vai “substituir” as estruturas institucionais com suas normas coletivas dos tempos modernos, para voltar a fortalecer e estabilizar o sujeito hipermoderno?